ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

AS FORMAS POEMÁTICAS EM *ORFEU BRASÍLICO (1736):* ESTUDOS SOBRE POÉTICA CLÁSSICA

The poetic forms in Orfeu Brasílico (1736): studies about classical poetic

Rafael Praciel Costa
Thissiane Fioreto[i]
Universidade Federal da Grande Dourados

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar o levantamento das diferentes formas poemáticas encontradas no documento *Orfeu Brasílico (1736)* e um breve estudo do emprego de cada uma delas. O trabalho também tem por objetivo dissertar sobre o labor filológico, visto que esse é o método utilizado para o restauro e exegese da obra. Para a análise das formas se utiliza como subsídio a Poética Clássica, que é, reconhecidamente, a orientação de escrita da época. O *corpus* em estudo é o resultado de composições poéticas elaboradas pelos alunos do Colégio da Bahia da Companhia de Jesus, em 1736, em homenagem ao Padre José de Anchieta. A pesquisa é feita a partir de uma edição fac-similada de 1998, em comemoração aos 450 anos da chegada de Anchieta em Coimbra. Este estudo, em conjunto com outros estudos do Projeto de Pesquisa *Uma abordagem filológica do documento Orfeu Brasílico (1736),* contribuirá para a apreciação literária documental da obra em estudo.

Palavras-chave: Estudos Filológicos, Literatura Colonial Brasileira, Poética Clássica.

Abstract: The aim of this paper is to present the survey and assessment of the different poetic forms found in the document *Orfeu Brasílico (1736)* and a brief study of their use. The work also aims to discuss about the philological work, since this is the method used for the restoration and exegesis of the work. Classical Poetics is used for the analysis of the poetic forms, which is, admittedly, the orientation of the time of writing. The analyzed *corpus* is the result of poetic compositions prepared by students of the College of Bahia of the Society of Jesus in 1736 in honor to Priest José de Anchieta. The search is made from a fac-simile edition from 1998, commemorating the 450th anniversary of the arrival of Anchieta in Coimbra. This study, together with other studies of the Research Project *A philological approach of the document Orfeu Brasílico (1736)*, will contribute to the literary documentary appreciation of the studied work.

Keywords: Philological Studies, Colonial Brazilian Literature, Classical Poetics.

Introdução

Este trabalho é resultado da Pesquisa de Iniciação Científica *As formas poemáticas em Orfeu Brasílico (1736): estudos sobre Poética Clássica*, desenvolvida na FACALE – UFGD, de agosto de 2010 a julho de 2011, que integrou o Projeto de Pesquisa *Uma abordagem filológica do documento Orfeu Brasílico (1736)*. A pesquisa teve por objetivo apresentar o levantamento e

um breve estudo do emprego das diferentes formas poemáticas do documento *Orfeu Brasílico (1736)*.

A obra estudada foi composta por alunos do Colégio da Bahia da Companhia de Jesus, em 1736, em homenagem ao Padre José de Anchieta em razão da concessão, pela Igreja Católica, do seu título de Venerável. Os alunos dos colégios jesuíticos já tinham como tradição os torneios literários, em que composições poéticas eram recitadas. Segundo a professora Maria Aparecida Ribeiro (ALMEIDA, 1998, p. 11), na introdução do *corpus*, o Padre Francisco de Almeida reuniu, no torneio literário, irmãos estudantes do recolhimento e alunos de humanidades do colégio jesuítico da Bahia, em que rapazes brancos, mamelucos e até índios "compuseram epigramas, poemas *per eco*, odes e um idílio acróstico". O Padre Francisco de Almeida, contente com o resultado, aumentou, aperfeiçoou e ordenou as composições dos alunos. Conseguiu que seu pai, Mauro Ferreira de Almeida, patrocinasse o livro e com isso a obra passa a ser um dos registros do que era feito nos colégios jesuíticos do Brasil no século XVIII.

Os alunos, subsidiados pelo método *Ratio Studiorum* e por uma tradição clássica cultuada e praticada na época, realizaram as composições em latim que demonstravam erudição tanto pela escolha da forma poemática quanto da língua utilizada.

A exegese da obra só foi possível a partir de uma perspectiva filológica e por isso é apresentada no trabalho uma introdução sobre o que é o labor filológico. Ressalta-se a importância do método demonstrando os passos traçados pelo filólogo bem como o diálogo que a Filologia faz com outras áreas de conhecimento.

O labor filológico

A Filologia se ocupa do estudo e da restauração de documentos escritos. Embora também possa se ocupar de textos atuais, é muitas vezes privada ao estudo de textos antigos pela capacidade que tem de restaurá-los, o que é de fundamental importância pelo trabalho específico que desempenha.

O termo *filologia* surgiu entre os gregos e queria dizer "amigo da palavra". Sua abrangência era muito ampla e adotava sentidos diversos. O filólogo era tido como aquele que aprendia a palavra - expressão de inteligência do pensamento alheio - e com isso adquiria cultura e conhecimento. O termo também é amplo porque o filólogo é compreendido como erudito, ou seja, dotado de vários conhecimentos,

pois seu trabalho exige isso. Mesmo hoje, o filólogo precisa ter conhecimentos sobre diversas áreas do saber: linguística, paleografia, história, antropologia e, mais recentemente, inclusive conhecimentos de informática. É importante o diálogo com essas ciências dependendo do tipo do documento com que se trabalha e até das formas de restauração. Se o documento for um arquivo digital ou se for um texto muito antigo que precise de trabalho de restauração, faz-se necessário o conhecimento básico de determinados conceitos, técnicas e estudos de outras áreas.

O trabalho do filólogo, portanto, é bastante minucioso. As três etapas – Crítica Textual, Crítica Histórico-Literária e a Edição de um texto – precisam de uma gama de conhecimentos e muito tempo de análise, como foi preciso para nosso trabalho. Para definir a visão que um filólogo deve ter ao estudar um documento, Melo diz que:

> O filólogo, realmente, vê a língua, analisa a língua, as formas, as construções, acompanha, através de documentos cronologicamente sucessivos, a evolução dos fonemas, das formas, do emprego das formas e da construção da frase. Ou induz, de textos relativamente contemporâneos, as normas válidas na época A ou B. (MELO, 1971, p. 21).

Com esse conceito se nota a pecularidade do trabalho filológico: a análise minuciosa do texto levando em consideração todos os aspectos históricos, a língua, a cultura e as condições de produção, entre outros aspectos que o texto apresenta.

Segundo Bassetto (2005, p. 44), é possível subdividir o trabalho filológico em: Crítica Textual, que é a reconstituição material do documento, ou seja, tentar aproximá-lo ao máximo do seu original; Crítica Histórico-Literária, que tem por função esclarecer pontos obscuros do texto, como autenticidade, fontes utilizadas para a construção do texto ou até mesmo o valor literário da obra; e por último, a Edição, que dependerá, sobretudo, do objetivo do trabalho do filólogo.

Azevedo Filho (1987, p. 36-61) faz uma abordagem bastante apurada sobre a Crítica Textual. Para ilustrar brevemente esse trabalho, pode-se dividi-lo em cinco partes: a *recensio*, que é o levantamento de todos os dados relacionados com o texto a ser editado; a *collatio*, que é a reunião e comparação de todos os dados levantados na *recensio*; a *eliminatio*, que cumpre a função de eliminar todos os testemunhos inúteis à reconstituição do texto; o *stemma codicum*, que estabelece a relação entre os manuscritos trazidos à colação; e a *emendatio*, que é o conjunto de operações que visam à correção do texto.

Como se pode perceber, uma grande parte do trabalho que se faz em um texto com uma abordagem filológica está condicionada à Crítica

Textual. Pela abrangência que esta etapa toma, o nome Filologia foi muitas vezes reduzido para apenas Crítica Textual.

Com a abrangência da Filologia e o constante diálogo com áreas afins, surgiu uma indeterminação do objeto de estudo dessa ciência. Leigos costumam chamá-la de ramo da Linguística ou até mesmo de Linguística Histórica. A respeito dessa não-delimitação crescente do objeto de estudo dessa ciência, Melo explica:

> Tornando à Filologia, cabe dizer que ela é uma *ciência*, perfeitamente caracterizada, com seu objeto formal nitidamente estabelecido, com seus métodos próprios, seguros e apurados, com suas conclusões definitivas (MELO, 1971 p. 20).

Analisando o trabalho do filólogo, pode-se definir Filologia como ciência que se ocupa da reconstituição total ou parcial de um texto, analisando as condições de produção, a língua, a questão histórico-literária, os costumes e até mesmo a cultura da sociedade da época do texto.

É importante também falar sobre a querela entre os filólogos e linguistas, visto que é difícil restringir exatamente o campo de atuação da Filologia. E como as duas ciências têm como objeto de estudo a língua em si, fica ainda mais complexo delimitar seu trabalho.

Carolina Michäelis de Vasconcelos (*apud* ARAÚJO, 1999, p. 18) tenta dar uma definição mais abrangente da Filologia, definindo-a como

> estudo científico, histórico e comparado da língua nacional em toda a sua amplitude, não só quanto à gramática (fonética, morfologia, sintaxe) e quanto à etimologia, semasiologia, etc., mas também como órgão da literatura e como manifestação do espírito nacional.

As confusões sobre a definição de Linguística e Filologia começaram com Max Müller, que inaugura, segundo Câmara Jr. (*apud* SILVA, 2000, p. 56), o estudo da Linguística sob o nome de Filologia Comparada, e que, segundo a definição de Vasconcelos, seria apenas um dos estudos da Filologia: "estudo científico, histórico e comparado".

Encontra-se outro problema: adotando essas definições se faz um encontro entre as duas ciências, pois tanto uma quanto a outra designariam estudos semelhantes, quanto à língua e à comparação de textos. Mais fácil seria se o campo de estudos dessas ciências fosse restringido, cabendo, por exemplo, no sentido estrito, à Filologia a interpretação, a análise e a edição de textos, e deixando as outras competências relativas à língua para a Linguística. Mas muitos especialistas não aceitariam essa definição, até porque se restringe demais uma, enquanto se amplia demasiadamente a outra.

Segundo Swiggers (1998, p. 9), em *Filologia e Linguística Portuguesa*, "no século XIX, a Filologia e a Linguística mantinham relações antagonistas". Esse impasse ainda continua e parece estar longe de ser resolvido. Porém, enquanto linguistas forçam por ampliar o campo de atuação da Linguística e os filólogos se esforçam para defender as especificidades da Filologia, os estudantes de Letras e alguns pesquisadores dessas áreas tentam fazer com que as ciências se dialoguem sem precisar restringi-las.

As formas poemáticas em Orfeu Brasílico (1736)

Há uma variedade de composições poéticas no documento *Orfeu Brasílico (1736)*. Mas por que o emprego de determinadas formas? Pode-se justificar o uso de cada uma delas pela função que exercem.

Essas formas são: epigrama, oração, poema, elegia, ode, elogio e idílio acróstico. Existe uma grande diferença na quantidade em que cada uma se apresenta na obra. Os dados estatísticos resultaram numa tabela que ilustra bem essa diferença (*cf.* Anexo 1).

Na estatística dessas formas poemáticas se nota o grande emprego do epigrama. Este, segundo Bilac e Passos (1944, p. 204), era uma inscrição tumular na Grécia Antiga, mas que passou a uma composição poética que se caracteriza pela capacidade de sintetizar em palavras simples um grande pensamento, e neste, fazer o interlocutor conhecer de quem ou que se fala, de maneira plena, completa, "impressionando o espírito".

Sabe-se bem que os poemas do documento estudado foram compostos para o Pe. José de Anchieta na ocasião da celebração de seu título de Venerável, concedido pela Igreja Católica. Considerando esse contexto, o uso corrente da forma epigrama se justificaria, portanto, pela capacidade de exprimir grandes sentimentos sintetizados em composições curtas. O seu uso frequente se daria também por ser uma composição nobre, ainda mais por ser escrita em latim, uma língua que demonstrava erudição. Das 73 composições da obra, 62 são epigramas, representando 84,93% do total. É uma diferença bastante grande, mas que pode ser entendida levando-se em conta a função que o epigrama tem na tradição clássica, cultuada na América Portuguesa daquele momento histórico.

Outra composição encontrada é a ode. E, embora pouco presente na obra, com apenas quatro aparições, é a segunda mais utilizada e representa 5,48% das composições. Esta, anteriormente na Grécia considerada como todo poema destinado a ser cantado, entre os romanos se tornou um poema lírico – poema cantado acompanhado do

instrumento lira –, e no qual "se exprimem, de modo ardente e vivo, os grandes sentimentos da alma humana" (BILAC; PASSOS, 1944, p. 115). Ainda segundo Bilac e Passos, não existem regras invioláveis para a composição de uma ode; no entanto, uma de suas características é a divisão em estrofes iguais pelo número de versos e pela natureza.

Os mesmos autores (1944, p. 115-116) fazem uma classificação das odes em sagrada, heroica, anacreôntica e moral. Por não haver ainda tradução de nenhuma ode do *corpus* em discussão, é difícil classificá-las com exatidão como sagrada, ou seja, aquela de cunho religioso; heroica, na qual se celebram fatos heroicos; anacreôntica, em que se cantam o amor e os prazeres; ou moral, quando se trata de assuntos filosóficos.

Considerando o objetivo da obra, é possível pensar que estas oscilem entre odes sagradas, isto é, de cunho religioso, e heroicas, aquelas em que se celebram fatos heroicos. Portanto, a afirmação de que as odes do opúsculo são de natureza sagrada e heroica baseiam-se na situação de produção do texto; sendo assim, trata-se de uma tese que deverá ser confirmada por estudos posteriores.

A elegia, outra forma poemática encontrada, apresenta-se uma única vez na obra, representando 1,37% das formas. Caracteriza-se pela melancolia e tinha como objetivo exprimir pensamentos e sentimentos tristes. É um poema de lamento, dor e luto. Parece difícil descobrir com que intuito essa forma aparece na obra, produzida numa cerimônia de celebração ao recebimento do título de Venerável do Pe. José de Anchieta. Mas olhando por outro ângulo, é possível compreender que o autor poderia exprimir sentimentos pela ausência do ilustre jesuíta, visto que na realização da obra já haviam se passado mais de cem anos de sua morte. É a interpretação que pode justificar, de alguma maneira, a presença de uma elegia em meio a composições de exaltação.

Outra composição é o *elogium* (elogio), forma relativamente grande e densa. Segundo Fioreto e Silva (2010, p. 10), "o *elogium* é considerado um panegírico, ou seja, uma forma poemática com função essencialmente laudatória". Ele tem essa função de enaltecer, ou, como a tradução para o português já diz, *elogiar*. Por se tratar de uma forma em que o objetivo é elogiar alguém, esta forma é, então, facilmente justificável. Esta composição, presente na obra uma única vez, representa 1,37% das composições.

O Idílio Acróstico é outra forma poemática do opúsculo. Não há nenhuma referência sobre essa composição; porém, separadamente é possível definir cada uma delas. "O idílio é uma pequena ode" (TAVARES *apud* MORAES, 1992 p. 186) e geralmente apresenta uma cena de caráter

pastoril. Já o acróstico é uma forma que tem como característica principal o louvor e a exaltação. É justificável a utilização de ambas, uma vez que Anchieta viveu e versou sobre um Brasil ainda essencialmente pastoril e bucólico, o que justificaria a escolha do idílio, e o caráter laudatório do acróstico, se pensado sob as circunstâncias de produção, que falam por si sós. No entanto, o que não se sabe ao certo é por que o autor optou por fazer a junção das formas. Isso só será possível a partir de uma tradução.

As duas últimas formas, o poema e a oração, não foram encontradas em nenhuma das pesquisas feitas. O que se sabe é que o poema, tido como um tipo diferente de forma poemática, é um nome genérico que define essa forma. Sobre oração, somente menções, mas nenhuma definição.

Na Academia Brasílica dos Esquecidos (1724-1725), agremiação de produção contemporânea ao *corpus* em questão, também foram compostas orações. Fioreto (2005, p. 19) explica que,

> Segundo a disposição das sessões apresentada por Castello (1969-71), as Orações Acadêmicas eram compostas e proferidas pelo presidente de cada conferência. Possuíam caráter introdutório, pois eram responsáveis pela abertura da sessão literária e, em tom laudatório, tratavam de temas históricos antigos e contemporâneos, religiosos e científicos, respeitando sempre a estrutura discursiva prescrita pela Retórica Antiga.

Pelas semelhanças existentes entre a situação de produção da época, que consistia na obediência aos preceitos Retóricos e Poéticos e à Tradição Clássica, é possível acreditar que, assim como as orações na Academia Brasílica dos Esquecidos davam início às sessões e eram de caráter laudatório, a oração que aparece em *Orfeu Brasílico (1736)*, também no início, teria a mesma função de fazer a abertura do torneio literário da ocasião e, em consonância com todas as demais formas estudadas e de acordo com o tom laudatório da comemoração, tinha da mesma forma a função de enaltecimento.

Contexto histórico

Prescritas pelas Artes Poética e Retórica, todas as composições foram escritas em latim. O Padre Francisco de Almeida e os alunos da escola jesuítica, que compuseram os poemas da obra, com seus estudos clássicos, queriam demonstrar essa erudição não somente na beleza dos versos, mas também apresentá-los em uma língua que simbolizava erudição. Para Moraes (1999, p. 150): "Os textos de teor científico, no século XVIII, ainda eram escritos em língua latina, pelo caráter tradicional

de que ela se revestia, em oposição ao "moderno" que poderia representar o uso das línguas nacionais". A função de registro histórico é outro motivo pelo qual as composições se encontram em latim.

O Pe. Francisco de Almeida cumpriu a função de censor (neste caso, pessoa responsável pela correção de composições), o que já era previsto pela sua função de professor. Por seguirem uma tradição clássica, os alunos do colégio, juntamente com o seu mestre, colocaram em prática o *limae labor et mora*, que é a reescrita ou as modificações constantes num texto, justamente para que este seja moldado, lapidado.

Para Quintiliano (SPINA, 1995, p. 30), o labor da lima consistia em ajuntar, eliminar, mudar, suprir o que faltava, remover o excesso. Entretanto, Quintiliano adverte que devemos nos servir da lima para polir e não para desgastar. Horácio dizia que

> a aversão no trabalho de emendar, polir e aperfeiçoar o estilo bem como o desejo de tornar imediatamente público o fruto de suas criações, eram (...) as duas circunstâncias determinantes da inferioridade dos dramaturgos latinos em relação aos gregos (SPINA, 1995, p. 28-29).

Outro conceito apresentado no livro *Introdução à Poética Clássica* (1995), de Segismundo Spina, e também seguido no colégio jesuítico, é o saber como fonte de toda poesia. Consideramos importante apresentar este conceito porque ele rege a composição da obra, visto que para o a composição destes poemas era necessário grande repertório linguístico e conhecimento cultural e poético bem estruturados. Isso pode ser notado em *Orfeu Brasílico (1736)*, pois as formas poemáticas empregadas no documento exigiam erudição de seus autores. A preparação dos alunos numa escola jesuítica, subsidiada pelo método *Ratio Studiorum*, reflete esse conceito.

Segundo Bortoloti (2003, p. 1), o *Ratio Studiorum* foi um método de ensino desenvolvido pelos jesuítas, no final do século XVI, e se expandiu rapidamente por toda a Europa e regiões da América. Este tinha o objetivo de levar a fé católica a todos os povos que habitavam essas regiões. Os jesuítas se utilizaram deste método para catequizar através da educação, servindo como movimento contrarreformista da Igreja Católica. O método, que teve várias reformulações com o intuito de melhoria, era bem rígido e exigia dos alunos muito esforço. Foi um método inovador na educação da época.

Os alunos tiveram, além de inspiração, uma preparação e uma fundamentação teórica baseadas na Poética Clássica, subsidiada por um método rigoroso que os capacitava na realização de composições que exigissem um alto grau de erudição e embasamento teórico.

Foi também no século XVI que surge o Renascimento, movimento de valorização da Antiguidade. Daí também o porquê da imitação dos antigos, pois na produção desta obra, a arte era convidada a se voltar novamente aos antigos, à arte clássica, principalmente na poesia.

Considerações finais

A pesquisa desenvolvida demonstrou a importância do labor filológico, bem como as etapas que um filólogo segue em seu trabalho. Mostrou que, embora a Filologia seja uma ciência que dialogue muito com outras ciências como Antropologia, História, Linguística, Paleografia, etc., é uma ciência que contém particularidades e que estas também servem de apoio para outras ciências.

Com o levantamento e o estudo das formas poemáticas do documento *Orfeu Brasílico (1736)*, verificou-se que cada forma teve uma explicação para seu emprego, além de se justificar o uso da língua latina em suas composições, como demonstração de erudição pelos alunos da Escola Jesuítica da Companhia de Jesus.

Os gráficos elaborados ilustram também a grande diferença em número de aparições de cada forma poemática e que o uso do epigrama é o mais frequente por ser considerado uma forma nobre na tradição clássica daquela época.

O *corpus* da pesquisa ainda tem muito a ser explorado. No entanto, este estudo contribuiu com os estudos anchietanos, visto que a obra *Orfeu Brasílico (1736)* é a única de que se tem conhecimento a narrar uma festividade pela concessão do título de Venerável pelo Padre José de Anchieta em solo do Brasil Colonial.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Francisco de. *Elemental, o venerável Padre José de Anchieta, taumaturgo do novo mundo e apóstolo do Brasil*. Coimbra, 1998. (Edição fac-similada).

ARAÚJO, Antônio Martins de. A querela entre linguistas e filólogos. In: *Revista Philologus*, ano 5, n. 13, janeiro/abril 1999.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: EDUSP, 1987.

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de Filologia Românica.* São Paulo: Edusp, 2005.

BILAC, Olavo. PASSOS, Guimaraens. *Tratato de Versificação*. Rio de Janeiro, 1944.

BORTOLOTI, Karen Fernanda da Silva. O *Ratio Studiorum* e a missão jesuítica no Brasil. In**:**_____ *História Hoje – Revista Eletrônica de História*. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Dezembro 2003 – Volume 1 – número 2 – ISSN 1806 – 3993.

FIORETO, T. *Retórica e argumentatio: uma disputa entre Mem de Sá e Cururupeba.* 2005.170 páginas. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. Assis, SP.

FIORETO, T.; SILVA, Cristina Mascarenhas da. Um estudo do ELOGIUM em Orfeu Brasílico (1736) sob uma abordagem filológica. In: *ENEPE - Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão*. Universidade Federal da Grande Dourados, 2010.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa.* Rio de Janeiro. Livraria Acadêmica, 1971.

MORAES, C. E. M. de. *A poesia latina de José da Cunha Cardoso na ABE.* 1999. 236 páginas. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, SP.

_____*A Academia Brasílica dos Esquecidos e as práticas de escrita no Brasil colonial.* 1992, 278 páginas. Tese de Doutoramento. Universidade de São Paulo, São Paulo.

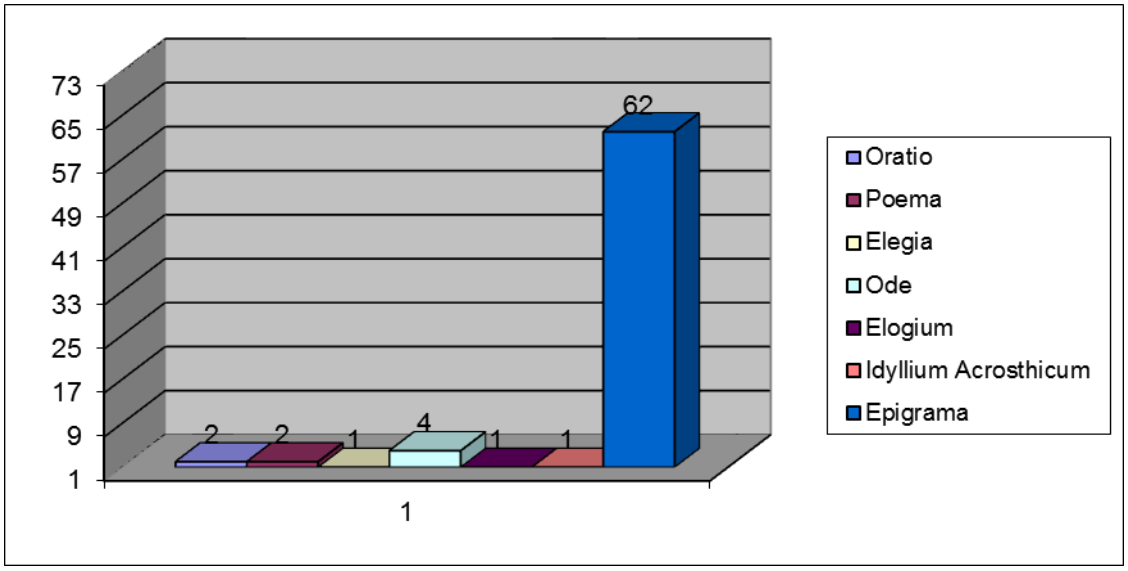
SILVA, José Pereira da. Filologia é o estudo da língua na literatura. A visão de J. Mattoso Câmara Jr. *Revista Philologus*, ano 6, nº 16, janeiro/abril 2000.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Poética Clássica*. Martins Fontes. São Paulo: 1995.

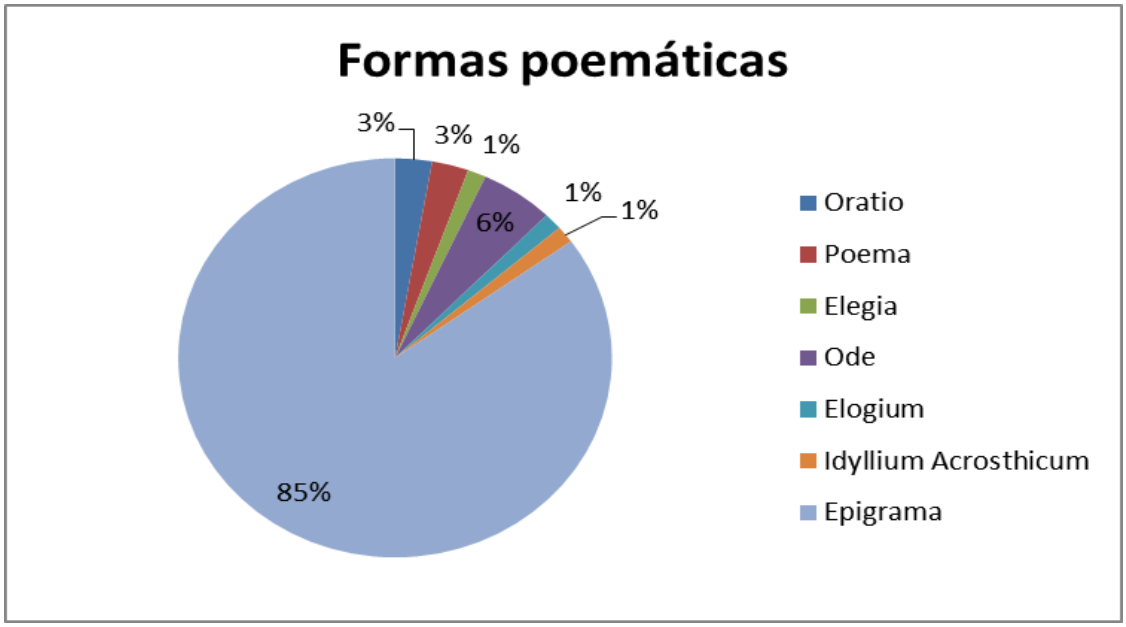
SWIGGERS, Pierre. Filologia e Linguística: enlace, divórcio, reconciliação. *Filologia e Linguística Portuguesa.* N. 2, p. 5-18, 1998.

Anexos

Anexo 1



Anexo 2



[i] E-mail dos autores: rafael_praciel@hotmail.com; thissianefioreto@ufgd.edu.br